

# A LITURGIA NO PERÍODO DO IMPÉRIO

Pe. DOUGLAS PINHEIRO LIMA

Desde seus primórdios a Igreja cristã se reúne para celebrar os mistérios de Cristo. Nos primeiros decênios de Cristianismo, não havia clareza quanto à distinção entre nazarenos (cristãos) e judeus. Aliás, num Judaísmo cuja essência comportava diversos segmentos partidários, conclamar Jesus de Nazaré como Messias implicava meramente – para muitos – em constituir mais um dentre tantos destes partidos religiosos já existentes na época.

Entretanto, esses *nazarenos* já sentiam necessidade de realizar práticas litúrgicas apartadas daquelas do Templo e das sinagogas ainda por eles freqüentadas. A celebração da Ceia do Senhor feita no primeiro dia da semana é uma evidência desta verdade (At 20,7). Após a destruição do Templo em 70 d.C., a convivência nas sinagogas fora se tornando insustentável por conta da intolerância dos judeus. Após a revolta de Jerusalém, os judeus iniciaram neste período um processo de reconstrução de sua própria identidade, que já não possuía o Templo como referencial religioso. Neste período do chamado “judaísmo formativo”, o Cristianismo se separou definitivamente do Judaísmo e pôde desenvolver suas práticas cúlticas próprias, ainda, porém, embebidas de muita influência de sua herança judaica precedente.

Assim foi até o século III por ocasião da oficialização do Cristianismo como religião do Império romano. A partir daí, novas influências oriundas deste mesmo império foram encontrando espaço na Liturgia cristã. É sobre este desenvolvimento que trataremos nas linhas que seguem, sem pretensão alguma de esgotar o assunto tendo em vista a riqueza bibliográfica ante a qual nos deparamos nesta breve pesquisa. São tantos os elementos que do império foram para nossa Liturgia cristã ocidental, e tão fortes sua penetração que ainda hoje os encontramos em voga em nossas celebrações.

A reforma do Vaticano II teve a pretensão de fazer a disciplina litúrgica da Igreja retornar às suas fontes romanas mais primordiais. O rito tridentino que se tinha até então, que remonta a São Pio V no século XVI, foi resultado de uma reforma litúrgica necessária naquele período em torno do Concílio de Trento, período no qual havia muitas elaborações litúrgicas locais. Cada sacro império, cada região, cada recôndito da Cristandade se arrogava a faculdade de elaborar um rito. O Concílio de Trento deu fim

às criatividades daquela época e normatizou a liturgia de um modo coeso. A liturgia tridentina, no entanto, por causa do período em que fora elaborada, ainda estava carregada de ritos provenientes da antiga liturgia franco-germânica. O uso do latim era, talvez, o que de mais romano o rito tridentino possuía. A maior parte do resto, porém, era de origem gótica, galicana, germânica e outras.

A liturgia de Paulo VI, sim, foi a nova tentativa de regressar mais contundentemente ao rito romano original do período das catacumbas, salvo alguns elementos sobre os quais não teremos aqui condições de discutir agora. Vejamos alguns elementos históricos que desencadearam a diferenciação litúrgica nestes novos tempos da Igreja que marcaram irrevogavelmente sua própria história, mormente sua forma de celebrar os Mistérios que a originaram.

## **1. Breve contexto histórico**

O século quarto inicia-se com grandes mudanças na situação social e jurídica dos cristãos frente ao Império Romano. Em seguida a última grande perseguição engendrada por Diocleciano, é promulgado o Edito de Milão, em 313 que põe fim à situação desfavorável dos cristãos até então duramente perseguidos nestes três primeiros séculos. Ainda neste período da primeira metade do século IV ocorre o primeiro concílio ecumênico, o de Nicéia, em 325. O concílio foi convocado em virtude das querelas suscitadas pela heresia ariana. O imperador Teodósio torna o Cristianismo a religião oficial do Império e em 392 lança a proibição aos cultos pagãos. Trata-se de uma “vitória espiritual do cristianismo sobre o mundo pagão, vitória obtida na paciência sustentada ao longo de três séculos”<sup>1</sup>. O Cristianismo não é mais considerado um corpo estranho no mundo romano, mas agora estará fadado a ser o princípio regulador das instâncias sociais, sobretudo após ocorrer a queda do Império no Ocidente.

Os dissabores também não se tardam em aparecer. Com a incorporação da Igreja pela entidade estatal, logo as interferências do Império começaram a se fazer no seio da Igreja. Questões políticas e pagãs começaram a infiltrar-se dentro da Igreja. Também foi o período de grandes controvérsias teológicas, que balançaram toda a comunidade eclesial. Como exemplos temos o donatismo e o pelagianismo na África; o

---

<sup>1</sup> NEUNHEUSER, Burkhard. *A História da liturgia através das épocas culturais*, 85.

nestorianismo, o arianismo e os pneumatômacos no Oriente, rechaçados pelos concílios de Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451).

Neste período tem ascensão o regime chamado de *crístandade*, no qual a Igreja atua como elemento moderador não somente das realidades espirituais, mas também das temporais. Como já afirmamos, tal faceta se mostrará ainda mais forte a partir da queda do Império Romano no lado Ocidental, quando os reinos bárbaros começam a implantar-se sem, entretanto, as complexas instituições romanas, agora levadas a termo pela presença da Igreja. Ela é quem assumirá o papel de configurar a nova sociedade nascente. No Oriente, o cristianismo bizantino, cada vez mais diferenciado da sóbria Igreja do Ocidente, vai adquirindo grande originalidade, sobretudo no campo litúrgico.

Também é tempo de franca expansão da vida monástica, em substituição do martírio de outrora. Ele era a nova forma de “fuga do mundo”. Uma alternativa para o heroísmo constituído pelo martírio de antes, agora em declínio pelo fim das perseguições e assimilação mútua entre Igreja e Império. O impulso missionário é em um primeiro momento mais esparso, porém, é institucionalizado posteriormente. Aquilo que, no século IV, não passa de movimento espontâneo, embora profundo, converter-se-á, nos tempos de Gregório Magno, em missão oficial e organizada pela autoridade máxima da Igreja. No ano de 596, esse papa envia Agostinho para evangelizar os anglosaxões <sup>2</sup>.

As peregrinações sofrem grande desenvolvimento, sobretudo aos santuários dos mártires e aos lugares santos de Jerusalém, como atesta o *Diário de Viagem* da peregrina Egéria. Especificamente falando da liturgia, é durante este período que se dá a formação das diferentes famílias litúrgicas, bem como a composição e compilação dos textos litúrgicos.

## **2. Evolução dos textos litúrgicos**

A criação dos textos litúrgicos, até chegar ao formato de livros, passou por três fases: um tempo de improvisação, outro de criatividade e outro, ainda, de codificação.

No início, as comunidades não dispunham de livros litúrgicos. Somente se valiam dos textos bíblicos lidos na assembleia no momento da escuta da Palavra. As orações presidenciais eram feitas sempre de improviso. Com o crescimento das

---

<sup>2</sup> BOROBIÓ, Dionísio (org.). *A Celebração na Igreja*, 71.

comunidades, sentiu-se a necessidade de não mais recorrer-se a improvisação. Daí, então, as orações passaram a ser escritas. São compostos os primeiros textos litúrgicos, que eram trocados reciprocamente, sobretudo entre as igrejas de uma mesma província eclesiástica. Os formulários mais bem elaborados eram guardados e posteriormente agrupados em pequenos grupos, chamados de *libelli*. Grandes compositores de orações litúrgicas foram os papas São Dâmaso (366-384), São Leão Magno (440-461), São Gelásio (492-496), Virgílio (537-555) e São Gregório Magno (590-604). A compilação dos vários *libelli* gerou a confecção dos chamados *sacramentários*.

O sacramentário é o livro do presidente da celebração, que contém as orações para a Eucaristia e para os demais sacramentos. Eles remontam aos séculos V e VI. O sacramentário mais antigo de que se tem notícia é o sacramentário *Leoniano* ou *Veronese* (por ter sido preservado na biblioteca de Verona). Ele data da primeira metade do século VI (entre 561 e 574 se deu a composição dos *libelli*). A nomeação do *Leoniano* como sacramentário se dá num sentido muito amplo, uma vez que é uma “cópia de um elenco muito pouco ordenado de *libelli*, (...) deve-se tratar de esboços de formulários que foram criados e recolhidos principalmente na sede do papa”<sup>3</sup>.

Outro sacramentário, no sentido mais estrito do termo, é o sacramentário *Gelasiano Antigo*, redigido em torno de 750, com o título: *Liber Sacramentorum Romanae Aeclesiae Ordinis Anni Circuli*. Trata-se de um sacramentário organizado pela liturgia papal e presbiteral de Roma e da liturgia galicana (França), entre 678 e 715. Ele é composto de três partes: o *temporal*, com missas do Natal até o domingo depois de Pentecostes, também com alguns formulários para o Batismo e a Penitência; o *santoral*, com as missas do Advento e festas de santos; e a parte dos *domingos do Tempo Comum*, com as missas por diversas necessidades, ritual de bênçãos e mais formulários para Batismo e Penitência.

Por fim, existe o sacramentário *Gregoriano*, também chamado de *Hadrianum*, por ser o resultado de um pedido de Carlos Magno ao papa Adriano I (772-795) para a unificação da liturgia dos francos. O exemplar foi mandado para Carlos Magno em 785 ou 786. “Diferentemente do Gelasiano, este livro não estava destinado ao uso na missa paroquial; ele era um missal papal para festas e missas estacionais”<sup>4</sup>:

---

<sup>3</sup> JUNGMANN, J. A., *Missarum Sollemnia*, 77.

<sup>4</sup> *Ibidem*, 79.

Não é de admirar pois que as missas dos “domingos verdes”, e de um certo número dos nossos “domingos brancos”, faltem na compilação de Gregório, uma vez que estes domingos ordinários não comportavam estação papal. Durante a Quaresma, pelo contrário, e os dias que seguem o Natal, Páscoa e Pentecostes, havia estação solene todos os dias. As missas do Advento jamais admitiram estação: estas estão aqui misturadas com as missas para as diversas circunstâncias. Nada de comum dos santos: o papa não tinha necessidade alguma dele para as celebrações do santoral às quais presidia, ainda muito ligadas às particularidades locais e a lendas tipicamente romanas<sup>5</sup>.

Além destes sacramentários, certamente existem outros, porém estes são lembrados por serem os primeiros seguidos por muitos outros após, até a composição dos missais nos séculos seguintes.

Outro livro é o *leccionário*. No início as leituras eram feitas diretamente da Bíblia (pergaminhos ou papiros costurados e copiados a mão), onde se faziam marcações das perícopes a serem lidas nas celebrações. Posteriormente, as perícopes e as indicações das perícopes eram feitas num livro à parte, chamado de *capitula*. Estes depois foram organizados de modo a terem também as perícopes além de somente as suas indicações, surgindo o *leccionário*, dividido em dois livros: o *epistolarium* para as leituras e o *evangeliarium* para o diácono proclamar o Evangelho.

Aos cantores, a *schola cantorum*, desenvolveu-se o *antifonário*, um livro com os hinos, inicialmente, e depois as indicações melódicas para o solista e o coro durante as celebrações. Também havia um próprio para o ofício divino. Mesmo existindo exemplares antigos destes livros, pouco se sabe a respeito das melodias dos cantos executados nas celebrações destes tempos. Testemunhos dos séculos IV e V atestam o gosto pelo canto. Porém, na patrística é notória a recusa pelos instrumentos que acompanhassem o canto, para se guardar qualquer possibilidade de semelhança com os cultos pagãos. Uma prática deste tempo era aceita desde os tempos de Agostinho, uma vocalização chamada *jubilus*, feitas somente com o som da voz, com antecedentes entre os egípcios, etíopes e os judeus que utilizava tal vocalização para sublinhar vogais mais importantes das palavras durante os cantos<sup>6</sup>.

Para a regulamentação das celebrações, aparecem os cerimoniais chamados de *ordines Romani*, com a ordenação de toda a ação sagrada que já era conhecida antes,

---

<sup>5</sup> MARTIMORT, A. G. *A Igreja em Oração: Introdução à Liturgia*, 329.

<sup>6</sup> O *jubilus* remete à antiga glossolalia, o falar em línguas estranhas comum em comunidades primitivas. Na Liturgia, uma vez supressa a glossolalia nos cultos cristãos, esta antiga prática adquiriu formas de continuidade mais ordinárias. Sobre isso ver CUARTAS, Diego Jamarillo; FORREST, Tomás; GAVRILIDES, Doug. *O Dom das Línguas*. São Paulo: Loyola, 1976.

mas sem nenhuma fixação por escrito. Estes livros continham então, “toda a informação necessária para a programação e execução próprias de uma celebração litúrgica, com indicações ou guia das mesmas e descrição dos ritos sagrados”<sup>7</sup>. O primeiro de que se tem notícia é o *Ordo Primus*, cujos exemplares mais antigos datam do século VI. A sua datação é difícil, mais é muito provável que eles surgiram em concomitância com os primeiros sacramentais.

### 3. Assimilação de elementos culturais

Poderíamos citar uma gama de elementos assimilados pela Igreja ao longo desta fase de grande proximidade com o Império e cultos pagãos. Dos principais podem ser citadas algumas formas de assimilação que apareceram de maneira mais latente neste período.

#### 3.1 Espaços de celebração

Em primeiro lugar aparecem os espaços da celebração. Já desde o início desta fase de proximidade a Igreja nascente com seu franco crescimento passa a não se utilizar mais das *domus ecclesiae* para as suas celebrações, dado o número elevado de convertidos ao Cristianismo. Passam a se valerem de uma forma de construção que acabou por tornar-se a forma dominante na construção de lugares de culto cristãos por muitos séculos à frente<sup>8</sup>. Trata-se da basílica, construção originalmente para acontecimentos de ordem civil, que pela sua planta longitudinal favorecia o culto cristão e as suas exigências litúrgicas, centradas na Palavra e no Banquete eucarístico.

O nome basílica “deriva-se da palavra grega *basiliké*, a casa régia, e designava qualquer edifício magnífico. É porque Jesus Cristo é o ‘rei dos séculos’, os cristãos chamaram as casas de Deus, basílicas, casa do (*basileus*) rei divino”<sup>9</sup>. A própria família imperial deu grande impulso para a construção de basílicas em Jerusalém, Constantinopla e sobretudo em Roma. Como exemplos temos a basílica de São Vital,

---

<sup>7</sup> BOROBIO, Dionísio (org.). *A Celebração na Igreja*, 73.

<sup>8</sup> cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *A História da liturgia através das épocas culturais*, 87.

<sup>9</sup> REUS, João Batista. *Curso de liturgia*, 79.

em Ravena, Santo Estevão Redondo, Hagia Sophia em Constantinopla, São Marcos em Veneza, dentre muitas outras.

As basílicas romanas do século IV são marcadas pela “horizontalidade longitudinal, com a ‘via sacra’ que guia a atenção de todos para o presbitério”<sup>10</sup>. Já as basílicas orientais possuem um estilo mais dinâmico, primando por uma construção mais central e com cúpula circular.

Ao lado da basílica existem os cemitérios, os batistérios e as igrejas cemiteriais, ou “memória”. Os cemitérios não são especificamente locais de culto, porém, são locais onde se representa por parte dos cristãos a sua fé, onde seus mistérios eram apresentados de forma simples e modesta. O batistério aparece sempre ao lado da igreja principal, como por exemplo, a basílica do Latrão em Roma, sendo um edifício de forma redonda ou poligonal que comporta a piscina batismal para a celebração dos batismos. Já na *domus ecclesiae* de Dura-Europos se encontra uma sala reservada para a celebração do batismo. As igrejas cemiteriais eram edifícios construídos sobre a tumba dos mártires, para ali celebrar a Eucaristia em seu *dies natalis*, seguindo o costume pagão de construir uma câmara ao lado do tumulo para partilharem de banquetes cerimoniais, chamados de *refrigerium*. Sucessivamente estes espaços também acabam tornando-se basílicas, como a de São Pedro do Vaticano e a de São Paulo fora dos muros.

### 3.2 Forma de tratamento dos bispos

A forma de tratamento dispensada para com os bispos e o papa em particular revelam que todo o esplendor da corte imperial acabara transferido-se aos prelados, que acabariam recebendo honrarias como os altos dignitários do Império.

Sobretudo na liturgia papal, as cerimônias pontifícias acabam adotando usos dos cerimoniais cortesãos. Sob isto subjaz a idéia da época que o mistério pascal de Cristo era digno de todo o esplendor e glória em virtude de sua vitória sobre o pecado e a morte: “Isso aparece nas orações próprias para a ordenação dos bispos, presbíteros e diáconos, em que se usam termos como “honra”, “dignidade” e “grau” (termos atribuídos a cargos públicos com seus diferentes níveis de dignidade e honra, e que agora entram na linguagem litúrgica)”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*, 85.

<sup>11</sup> CELAM, *Manual de Liturgia*, 460, nota 22.

A importância dos prelados e, sobretudo do papa vai tornando os cerimoniais (com traços imperiais) cada vez mais faustosos e rebuscados, afastando-se assim da simplicidade das celebrações nos tempos primeiros, quando a Igreja nascente ainda era alvo de perseguições por parte do Império:

El papa es conducido al *secretarium* (sacristía), situada junto a la entrada de la basílica. Aquí se reviste de los ornamentos litúrgicos, que entonces ya eran numerosos. A continuación se abre el libro de los santos evangelios. Lo coge um acólito, no com las manos desnudas, sino serviéndose de la planeta ou casulla com que va vestido, y acompañado por um subdiácono lo lleva al altar, mientras todos se levantan. Una vez que todo está dispuesto y el papa ha tomado el manípulo, a uma señal de este se avisa a los clérigos que esperan delante del *secretarium* con los cirios y el incensario: *accendite!*, y a los cantores que están colocados em doble fila, a la derecha y a la izquierda de la entrada del presbiterio: *Domni iubete!* . Comienza el canto del intróito y la procesión se pone em movimiento <sup>12</sup>.

### 3.3 Vestes litúrgicas

Ainda se pode falar a respeito da evolução das vestes litúrgicas. Quanto à origem das vestes litúrgicas na liturgia romana dos cristãos cabe iniciar pela afirmação de que as referidas peças e seus respectivos nomes não foram extraídos da liturgia pagã dos gregos, executada em Roma, e nem da liturgia judaica praticada no Templo:

All over christendom ecclesiastical vestements derive from the lay dress of the upper classes in the imperial period, and not from any return to Old Testament precedents such as the mediaeval ritualists imagined <sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> (tradução livre) “O papa é conduzido ao *secretarium* (sacristia), situada junto da entrada da basílica. Aqui se reveste dos paramentos litúrgicos, que já eram numerosos. A seguir se abre o livro dos santos evangelhos. Ele é levado por um acólito, não com as mãos desnudas, mas se se servindo da planeta ou casula com a qual está vestido, e acompanhado por um subdiácono o leva para o altar, enquanto todos se levantam. Uma vez que tudo está disposto e o papa tomou o manípulo, ao seu sinal os clérigos que esperam diante do *secretarium* com as velas e o turíbulo: *Accendite!*, aos cantores que estão postos em fila dupla a direita e a esquerda da entrada do presbitério: *Domni iubete!*. Começa o canto do intróito e a procissão põe-se em movimento”. BERNAL, José Manuel. *Celebrar, um reto apaixonante*: bases para uma compreensão de la liturgia, 412.

<sup>13</sup>(tradução livre) “Todas as nomações aplicadas às vestes eclesiásticas derivam das roupas laicas usadas pelas altas classes do período imperial, e não de algum retorno a precedentes do Antigo Testamento tal como imaginavam os ritualistas medievais”. DIX, Gregory. *The Shape of Liturgy*. Drace Press Adam & Charles Black: London, 1964, 399.



As vestimentas, antes de serem incorporadas ao uso litúrgico, eram usadas em ocasiões sociais diversas: “On formal occasions and out of the doors both men and women wore over this *paenula* (also called *planeta*, *casula* and occasionally *lacerna*)”<sup>14</sup>. Atas de martírio relatam cristãos vestindo tais roupas no momento das execuções. Um exemplo é o de São Cipriano: “When he reached the place of execution he took off the red *lacerna* that he was wearing and folded it and knelt down upon it and prostrated himself in prayer to the Lord. And when he had taken off his *tunica* and handed it to the deacons, he stood up in his *linea* and awaited the executioners”<sup>15</sup>.

Estas eram roupas usadas também pelos senadores romanos no século IV:

By a law of a.d. 397, however, senators were ordered to resume the old civilian style of the *paenula* worn over the *colobium* or *tunica* and the ungirded *linea*; while civil servants were ordered to wear the *paenula* over the girdled *linea* as part of their full dress. (The *cingulum* (belt) was distinguishing badge of military as opposed to civil office)<sup>16</sup>.

Dois séculos depois, conforme pesquisas, o papa adotou o uso do *pallium* como um aparato de distinção entre os demais civis que também usavam casula cotidianamente:

(...)in the apparently contemporary portrait of Pope S. Gregory I standing between his father the senator Gordianus and his mother, the costume of all three is still exactly the same – chasuble worn over the tunic with the ungirded linen alb. The mother wears a sort of linen turban, and the Pope is distinguished from the layman his father by the *pallium* – a sort of scarf of office<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> (tradução livre) “Em ocasiões formais e fora das portas [de Roma] tanto homens quanto mulheres vestiam esta *paenula* (também chamada *planeta*, *casula* e ocasionalmente *lacerna*)”. Ibidem, 400.

<sup>15</sup> (tradução livre) “Quando ele chegou ao lugar da execução, tirou a *lacerna* vermelha que estava vestindo, dobrou-a, ajoelhou-se sobre ela e começou ele mesmo a orar ao Senhor. E quando tirou sua *tunica* e entregou-a aos diáconos, ficou em cima de sua *linea* e aguardou os executores”. Acta Proconsularia S. Cypriani, 5, In: Ibidem, 400.

<sup>16</sup> (tradução livre) “Tradução: Por uma lei de 397 d.C., contudo, senadores foram obrigados a resumir o antigo estilo civil de *paenula* vestida sobre o *colobium* ou túnica que não aludisse à *linea*; enquanto os servos civis, foram obrigados a usar a *paenula* em torno da *linea* como parte do traje de cerimônia. (O *cingulum* (cinto) era um emblema que distinguiu militares e oficiais civis)”. Codex Theodosianus, XIV. 10, I, In: Ibidem.

<sup>17</sup> (tradução livre) “Num retrato aparentemente contemporâneo do Papa S. Gregório I, ele aparece entre seu pai, senador Gordianus, e sua mãe, e o costume dos três era exatamente o mesmo – casula vestida sobre a túnica com uma *linea* distinta da alva. A mãe veste um tipo de turbante, e o Papa é distinto de seu pai leigo pelo *pallium* – um tipo de cachecol de oficiais”. Ibidem.

No quarto século, o *pallium* deixou de ser uma distinção de oficiais civis (imperadores e cônsules) e tornou-se uma peça litúrgica dos papas e (depois) dos arcebispos. Para o clero simples adotou-se outro tipo de cachecol também utilizado pela moda da época, a *stole*. Era posicionada sobre o corpo em posições diferentes para distinguir os níveis clericais: bispos usavam estola com *pallium* por cima, presbíteros apenas a estola e diáconos passaram a seguir um costume criado em Antioquia de usar a estola sobre o ombro esquerdo apenas <sup>18</sup>.

No caso dos presbíteros viu-se que a estola em tal posição (pendente sobre o pescoço) recordava a púrpura imperial (uma tira de tecido púrpura) que conferia autoridade aos senadores romanos para fazerem as vezes do imperador. De modo simbólico, a estola presbiteral recorda que o padre faz as vezes do bispo e recebe dele aquele poder, tal como os senadores recebiam de César. Quando aos diáconos, a estola transversal recorda o período em que os diáconos levavam uma bolsa atravessada ao peito, contendo pães e esmolas aos pobres.

### **3.4 Adoção de rituais e elementos culturais**

O antagonismo com o culto pagão é não somente derrubado, mas como é paulatinamente assimilado pelo Cristianismo. É um caminho pautado, sobretudo pela assimilação e reinterpretação:

Os cristãos adotam a prática pagã de comer junto a uma tumba, deixando parte de alimento e da bebida para o defunto (*refrigerium*). (...) No Oriente, adotam a prática de formular orações com características próprias das orações gregas pré-cristãs (pagãs): orientação solene, multiplicação dos atributos divinos (em especial os negativo-positivos: infinito, inefável, incompreensível) e uso de estilo retórico helênico. A prática romana de invocar as divindades com a súplica litânica “Livra-nos, Senhor!” ou “Suplicamos-te, ouve-nos!”. O costume de beijar o altar e imagens sagradas, o que em sua origem era gesto pagão de reverência. Até mesmo a iniciação cristã foi-se enchendo de usos pagãos. A palavra mistagogia (iniciação nos mistérios cristãos) foi adotada das religiões místicas. A veste branca, que se dava aos recém-iniciados nessas religiões ,

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, 401.

foi adotada pelos cristãos como sinal distintivo da dignidade batismal para os recém-iniciados nos sacramentos cristãos. Até os círios batismais têm essa origem. A prática de voltar-se para o Oriente na hora do batismo começou por influência das religiões solares do Mediterrâneo <sup>19</sup>.

Também datas festivas são utilizadas pelos cristãos para a propagação da sua crença no Cristo ou nos santos que por Ele viveram. Por exemplo, a festa do Natal no Ocidente é colocada no dia 25 de dezembro, data que outrora se costumava comemorar a festividade do sol, numa clara referência a Cristo como o verdadeiro sol que ilumina o mundo. Como já se tinha de longa tradição referência ao nascimento do Senhor datada entre o fim de dezembro e o começo de janeiro (haja vista a solenidade da epifania, mais antiga que a do natal), optou-se por unir o conhecimento tradicional à necessidade de suplantar práticas pagãs com inculturação evangélica. A festa da cátedra de São Pedro, a 22 de fevereiro, suplanta a antiga festa romana que celebrava os antepassados falecidos. Agora a Igreja celebra o grande antepassado, Pedro, cuja autoridade é simbolizada na sua cátedra.

#### **4. Diversificação das famílias litúrgicas**

As liturgias vão se tornando cada vez mais diversificadas, em torno das regiões de mesma língua, nas mesmas províncias ou nas zonas de irradiação de grandes centros do império na época, sobretudo na sua porção oriental, com as cidades de Antioquia, Alexandria e Constantinopla. Para a região ocidental, Roma manteve-se como o único centro equiparado a estas cidades orientais:

Neste período, do século III ao século V, ao longo de todo o século IV, a liturgia se desenvolve de modo magnífico, em plena liberdade, sob a proteção do Império tornado enfim cristão. Mas, ao mesmo tempo, embora com toda liberdade, ela segue as leis inatas da psicologia humana, que a levam a institucionalizar-se “encarnando-se” cada vez mais nos diversos territórios com sua cultura específica. Em tal processo se afirma a influência das maiores sedes por meio das respectivas línguas: (aramaico) siríaco, grego, latim; mediante suas circunscrições político-geográficas: Antioquia para a Síria; Alexandria

---

<sup>19</sup> CELAM, *Manual de Liturgia*, 461.

para o Egito; Constantinopla para a zona submetida à sua influência imediata; Roma para a Itália central e meridional; Milão para a Itália setentrional, etc. mas, naturalmente, sobre essa base comum se impõe sempre mais a importância eclesial das grandes sedes, fundadas pelos apóstolos, providas de grandes figuras de bispos capazes, doutos e santos <sup>20</sup>.

No Oriente aparecem no século III duas famílias, *Antioquena-siríaca* e *Alexandrina*. A primeira divide-se em duas: a *Siro-ocidental* (antioquena, maronita, bizantina e armena) e *Siro-oriental* (nestoriana, caldaica e malabareense) <sup>21</sup>. A segunda família é conhecida em suas formas medievais, *copta* e *etiope*. Na porção ocidental, temos a família (afro) *Romana*, *Galicana*, *Ambrosiana* (milanesa), *Celta* e *visigótica-hispânica* (mozarábica) <sup>22</sup>.

## 5. Formação do ciclo litúrgico.

A Eucaristia, celebrada no Domingo, é o eixo central da celebração da Igreja desde os primeiros séculos. Em relevância se encontra o domingo pascal, ao centro do qual logo começa a se desenvolver o tempo quaresmal como preparação, e o tempo pascal em desdobramento, culminando com a festa de Pentecostes.

O tempo da Quaresma, preparação imediata para a Páscoa surge a partir da necessidade de preparar melhor os catecúmenos que, diferentemente dos primeiros três séculos, agora são em número elevado. Muitos dos novos catecúmenos apenas inscreviam-se nesta ordem para obterem benefícios sociais, num contexto eclesial cada vez mais unificado com o poder imperial. Havia leis romanas que garantiam, por exemplo, isenção de certos impostos a quem fosse batizado como cristão. Diante disso, quem não desejaria batizar-se? Em grande número não havia o desejo de receber o batismo enquanto ato de Fé, ao menos até estar às portas da morte para garantir a salvação da própria alma.

Para a preparação dos catecúmenos “verdadeiros” se reservou um tempo antes da Páscoa que acabou sendo fixado em quarenta dias, culminando com o recebimento dos sacramentos na Vigília Pascal. Neste itinerário quaresmal, os catecúmenos, além do aprofundamento da mensagem querigmática, passavam por diversas celebrações, como

---

<sup>20</sup> NEUNHEUSER, Burkhard. *A História da liturgia através das épocas culturais*, 99.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> *Ibidem*, 100.

exorcismos e escrutínios, destacando-se a *traditio simboli* (entrega do símbolo aos catecúmenos) e a *reditio simboli* (a devolução do símbolo pelos catecúmenos ao bispo).

Os dias da Semana Santa, além das celebrações que estruturam o Tríduo Pascal, eram reservados para a absolvição dos penitentes, na quinta ou sexta-feira. Diferentemente da prática sacramental de hoje, o sacramento da Penitência (confissão), tal como o Batismo, somente era administrado uma vez na vida, e após duras reparações por parte do penitente. A penitência poderia durar anos e começava com a confissão pública do pecado. Após essa confissão o fiel era inscrito na ordem dos penitentes e, com os catecúmenos, era impedido de tomar parte plenamente nas celebrações. Tal impedimento somente era levantado após verdadeiras provas de arrependimento. Em virtude disso, como ocorria com o Batismo, a Penitência era retardada por vezes até a proximidade da morte.

Com o advento da necessidade de uma fixação mais histórica da pessoa da Jesus, a celebração do Natal e da Epifania, originadas no século III lembram o nascimento e manifestação daquele que na Páscoa salva toda a humanidade. A estas grandes celebrações vão paulatinamente se estruturando também as festas marianas e dos santos.

## CONCLUSÃO

Este período foi sem dúvida nenhuma decisivo e marcante para a Liturgia da Igreja no ocidente, a ponto das influências do império serem percebidas até a atualidade, sobretudo no que diz respeito à formulação dos ritos e uso dos paramentos. As pompas imperiais forneceram à Liturgia um esplendor que certamente não lhe era próprio, esplendor que ficou para trás quando da ruptura com o Judaísmo. Este sim possuía seus esplendores litúrgicos em suas celebrações no interior do Templo.

O que chama a atenção é o fato de que a igreja se serviu de quase toda a tradição de um império para poder assumi-lo numa atitude de inculturação certamente sem precedentes e sucessões. Pena é saber que a incorporação feita pela igreja dos elementos romanos à Liturgia não se deu na mesma proporção no caminho inverso. Bem se sabe que a vida cristã perdeu muito com o assumir da Igreja pelo Império. Massas populacionais tiveram que “ser convertidas” ao Cristianismo em nome de uma coesão política.

Os esplendores adentraram a Liturgia, mas o maior brilho que é o do Espírito Santo não pôde entrar em muitas almas que receberam o Cristianismo apenas como um cumprimento de decreto imperial, sem a verdadeira experiência da pessoa de Jesus Cristo e sem a catequese que, na ocasião, a Igreja não tinha condições e estrutura para proporcionar. Um império muito grande para ser assumido por uma igreja ainda em desenvolvimento numa série de questões, sobretudo doutrinárias naquele período. Penso que hoje podemos fazer o caminho que na ocasião não pôde ser feito.

Após os revezes da história, hoje mais do que nunca urge unirmos o esplendor litúrgico ao anseio por conversões, e anexarmos a beleza dos ritos à catequese mistagógica que eles exigem para que a Liturgia se traduza em vida concreta nos cristãos. Nós, por meio da celebração dos mistérios de Cristo, acessamos as sublimes realidades que podem dar sentido à vida humana tão destituída de significado na modernidade.

## BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

BERNAL, José Manuel. *Celebrar, un reto apasionante: bases para uma compreensão de la liturgia*.

BOROBIO, Dionísio (org.). *A Celebração na Igreja*. Vol.1: Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. *Manual de Liturgia*. Vol. 4: A celebração do mistério pascal – outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007.

CUARTAS, Diego Jamarillo; FORREST, Tomás; GAVRILIDES, Doug. *O Dom das Línguas*. São Paulo: Loyola, 1976.

DIX, Gregory. *The Shape of Liturgy*. Dace Press Adam & Charles Black: London, 1964.

ESTEVES, José Fernando Caldas e CORDEIRO, José Manoel Garcia. *Liturgia da Igreja*. Lisboa: Universidade Católica, 2008.

JUNGMANN, J. A. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTIMORT, A. G. *A Igreja em Oração: Introdução à Liturgia*.

NEUNHEUSER, Burkhard. *A História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

REUS, João Batista. *Curso de liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1944.